

OFICINAS DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

Do contexto ao texto fotográfico

Luiz Renato Santos

Graduando de Psicologia pela PUC-Minas São - Gabriel.

louisrenato@gmail.com

Maria da Penha Zanotelli Felipe

Graduada em Pedagogia pela UNIBH e em Psicologia pela PUC MINAS, com Pós-graduação Lato Sensu em Educação Afetivo-sexual pela UEMG. Atualmente é docente dos cursos de Psicologia da PUC Minas.

zano@pucminas.br

1. INTRODUÇÃO:

O Projeto Geração de Trabalho e Renda: Construindo Uma Alternativa Solidária e Cidadã foi idealizado para um público específico: famílias atendidas pelo Programa de transferência de renda do Governo Federal, Bolsa Família. Elegeu-se a Regional Barreiro da Cidade de Belo Horizonte como pioneira. O projeto objetiva, através da perspectiva da economia solidária, possibilitar uma oportunidade de emancipação para essas famílias por meio de programas de capacitação e de geração de trabalho e renda.

Sabe-se que a economia solidária se fundamenta em um processo no qual se vende, compra e troca o que se torna necessário para viver.

Busca-se através desta prática abster-se da exploração do outro e da leva de vantagens. Privilegia-se a conservação do ambiente e o fortalecimento do grupo. De acordo com Ministério do Trabalho e Emprego (MTE),

a economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário (MTE, 2009).

São características da economia solidária: **a) A cooperação**, pautada na existência de interesses e objetivos comuns, assim como a partilha dos resultados obtidos. **b) A autogestão**, que parte do pressuposto que os envolvidos exercitem as práticas participativas de administração dos processos de trabalho. Para Carvalho (2002), a autogestão é um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática da gestão. Portanto, as instituições de apoio devem se atentar para não impedir o protagonismo dos sujeitos de ação envolvidos no processo. **c) Dimensão econômica**: A dimensão econômica é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos

aspectos culturais, ambientais e sociais. MTE (2009) **d) A solidariedade**, expressa na justa distribuição dos resultados alcançados, no compromisso com o meio ambiente, nas relações que se estabelecem com a comunidade local e com o grupo e na busca de oportunidades que possam desenvolver e melhorar as condições de vida dos participantes.

Como instrumento possibilitador de uma gestão eficaz o projeto se estruturou a partir das chamadas “incubadoras tecnológicas”, que são:

Instituições vinculadas a universidades (públicas ou privadas), e, mais recentemente, entidades criadas por governos ou mantidas por organizações da sociedade civil, que apóiam e assessoram novos empreendimentos ou empreendimentos já criados, oferecendo-lhes qualificação e assistência técnica durante o chamado período de incubação (MTE, 2009).

No entanto, o projeto é mantido através de uma parceria estabelecida entre a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), a partir da ação do Núcleo de Trabalho e Renda (NUTRA) e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG e conta com o financiamento do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) através da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Esta experiência visa promover a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, efetivados em torno de programas e projetos construídos com base em critérios científicos, tecnológicos e em experiências comunitárias.

2. DESENVOLVIMENTO E METODOLOGIA

A proposta de trabalho da Psicologia junto ao Projeto Geração de Trabalho e Renda: Construindo Uma Alternativa Solidária e Cidadã, surgiu em abril de 2009. O trabalho deveria ser desenvolvido com um grupo de beneficiárias (os) do Programa Bolsa família que se reuniam na PUC Minas, unidade Barreiro nas segundas, quartas e sextas feiras no período de 14 as 18 h. O grupo se preparava para trabalhar nos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) que compõe o projeto: frutas desidratadas e sobremesas, condimentos e horta agro ecológica. As instalações dos Empreendimentos estão localizadas dentro do parque ecológico, Parque das águas, na Regional Barreiro.

As oficinas foram preparadas de acordo com a demanda interna do grupo e da dialética estabelecida com a demanda externa. Foram planejados 16 encontros com duração de uma hora. O número de participantes variou de 8 a 25 pessoas. A demanda do projeto estava atrelada ao fato do grupo se apresentar ansioso e com dificuldades de relacionamento entre os participantes.

Em suma: a Dinâmica de Grupo é a disciplina que estuda os processos grupais. Portanto, tornou-se imprescindível a elaboração de encontros específicos com o objetivo de conhecer melhor o grupo e a equipe de profissionais envolvidos no projeto. Buscou-se observar o comportamento dos participantes na tentativa de abstrair o momento vivenciado pelo grupo. Um processo necessário para se perceber o desenvolvimento da dinâmica interna e externa e problematiza-las.

Na dinâmica interna, estudamos características, fases e elementos do processo grupal, ressaltando os fatores que aí interferem, dificultando ou facilitando esse processo. Na dinâmica externa, estudamos as forças sociais e institucionais que influenciam o processo grupal. Nenhum grupo é resultado apenas de sua dinâmica interna ou de sua dinâmica externa. Existe uma relação entre as dinâmicas interna e externa que pode ter caráter diversificado: atração, rejeição,

conflito, espelhamento, complementaridade, entre outros (AFONSO, 2006, p.28).

O processo inicial foi importante, pois permitiu uma visualização sistêmica do funcionamento do projeto. Esta é uma possibilidade de compreensão do como este processo pode refletir na dinâmica interna, enfim, no funcionamento do grupo.

Utilizou-se como metodologia o grupo operativo de Pichon-Rivière que se centra na realização de uma tarefa. O seu objetivo consiste em mobilizar um processo de mudança que perpassa pela diminuição dos medos básicos de perda e de ataque, além de propiciar o rompimento de estereótipos e resistência a mudanças.

Sabe-se que Pichon-Rivière foi um grande estudioso acerca do funcionamento de grupos. Para ele um grupo é um conjunto de pessoas com necessidades semelhantes que se reúnem em torno de uma tarefa específica. No desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo com um objetivo comum.

O grupo é mais do que a soma de participantes que o compõem. Isso quer dizer que o grupo constrói sua identidade, características e formatos próprios, a partir da história de cada componente e da história grupal. E, desta forma, estabelece-se uma dinâmica de relação em que o grupo influencia o indivíduo, assim como o indivíduo influencia o grupo. Este processo está ancorado na construção de um vínculo grupal, ou seja, de um tipo de elo afetivo que envolve os componentes daquele grupo (Equipe de Pesquisa - Intervenção da PUC Minas São Gabriel, EPI PUC Minas São Gabriel, 2009).

Um cuidado que se deve tomar ao se trabalhar com grupos está relacionado ao risco de se pensar a mudança com sendo algo superficial. Portanto, torna-se necessário compreender que,

antes de ser um acontecimento material-biológico, físico, econômico, tecnológico, a mudança é um acontecimento psíquico. Antes de ser um acontecimento objetivo, ele é um acontecimento subjetivo (LÉVY, 2001, p. 123-124).

De acordo com a metodologia adotada para a realização deste trabalho, é necessário que a proposta seja apresentada ao grupo antes de ser colocada em prática. A construção/escrita do livro dar-se-á a partir do desenvolvimento de oficinas de intervenção psicossocial que devem ser de caráter sugestivo e nunca impositivo. Um passo importante se refere ao fato de nos perguntar: para quê e para quem uma oficina será planejada? As oficinas constituem uma prática de intervenção psicossocial, realizada em contexto pedagógico, clínico, comunitário ou de uma política social. Um trabalho estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar em um contexto social (EPI PUC Minas São Gabriel, 2009).

Sabe-se que o objetivo de uma oficina é a elaboração que se busca e que não se restringe apenas a uma reflexão racional pelo fato dos sujeitos serem envolvidos de maneira integral. Portanto, em uma oficina se utiliza da informação e da reflexão. Esta característica lhe confere uma dimensão pedagógica e uma dimensão terapêutica. A dimensão pedagógica possibilita e incentiva o processo de aprendizagem a partir de sua

experiência e de acordo com a demanda do grupo e, por sua vez, a dimensão terapêutica propicia o trabalho com significados afetivos e com a vivência. Não deve ser confundida com um grupo de terapia, pois se restringe a um foco (tema a ser discutido), não tendo como objetivo uma análise profunda de seus participantes. No entanto,

é importante ainda lembrar que a matéria de trabalho das oficinas é a própria história de cada componente e a história de todos, que poderão ser transformadas através da vivência do grupo. Seu principal propósito está relacionado à desconstrução de preconceitos e tabus e à reconstrução social de valores e crenças (EPI PUC MINAS SÃO GABRIEL, 2009, p.11).

A tarefa pensada para o grupo em questão foi a construção/escrita de um livro, que deverá conter o conjunto de histórias de vida das (os) cooperadas (os). O uso da fotografia se justifica devido ao fato de ser uma linguagem não verbal. O que pode possibilitar a participação das pessoas analfabetas ou semi-analfabetas. Indo de encontro à metodologia. O que não contradiz a proposta da construção/escrita do livro. Portanto, o principal objetivo ao se trabalhar com fotografia junto à Psicologia consiste na atribuição de significado à imagem (Koller e Silva, 2002). Sabe-se que,

com a fotografia, a memória ganhou poderosa aliada. Memória visual, pensada e sentida, coletiva ou individual, mas sempre historicamente construída; percebida como uma mensagem composta por sistemas de signo não-verbais, social e individualmente compreendidos através de códigos cuja decifração possibilita a análise de certas ações humanas socialmente determinadas (SILVA E NETO, 2008, p. 3).

Percebe-se que a fotografia permite a lembrança de vários momentos de nossas vidas ao imprimir no papel uma imagem incapaz de revelar o que trazemos na alma. A história de cada um pode ser contada através de fotografias nunca reveladas que sinalizam que: ainda existem pessoas capazes de fazer a diferença em nossa vida, em nossa história. Em uma foto, a imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa (Barthes, 1985, p.132).

Neste sentido, o grupo foi informado que cada participante deveria escolher uma fotografia, refletir sobre o que o levou a escolhê-la. A partir daí começaria a construção/escrita do livro. Foi elaborado um termo de autorização do uso de imagens, através do qual cada participante teria a liberdade de permitir ou não o uso de suas fotografias e produção de textos em possíveis eventos nos quais o trabalho pudesse vir a ser apresentado. Salientou-se que caso alguém encontrasse dificuldade na escrita poderia pedir ajuda aos colegas.

Ao coordenador coube retomar periodicamente a proposta da oficina, abrindo espaço para esclarecimento de dúvidas em relação à tarefa. Este cuidado deve ser tomado para que o grupo não perca o seu objetivo/foco.

No exercício profissional é preciso compreender como as pessoas atendidas percebem os problemas que atravessam o grupo e como lidam com eles (Afonso, 2006). Portanto, abriu-se espaço para os participantes se expressarem: puderam fazer homenagens a pessoas consideradas importantes em sua história, compartilharam experiências de vida e discutiram questões que incomodavam o grupo. Em cada encontro a tarefa era registrada através da escrita. O exercício da solidariedade foi importante, pois nem todos do grupo sabiam ler e escrever.

Espontaneamente os participantes foram trazendo outras fotografias para o encontro. Compartilhavam os sentimentos que os motivavam fazer tal escolha. Este

comportamento era valorizado porque sinalizava que o grupo aos poucos estava adquirindo autonomia e confiança.

Em meio às atividades alguns participantes apresentaram uma demanda de atendimento a cerca de problemas pessoais e familiares. No primeiro instante a demanda era acolhida e posteriormente indicada aos diversos serviços disponíveis na rede de atendimento social. Portanto, dentro dessa metodologia, faz-se necessário o uso de um planejamento flexível. Este planejamento permite que o foco seja mantido sem deixar de levar em consideração os interesses emergentes trazidos pelos participantes do grupo. Esta flexibilidade certamente exige uma escuta cuidadosa do coordenador.

3. DIFERENÇAS VERSUS CONDIÇÕES DE PRODUTIVIDADE: AVALIAÇÃO DO PROCESSO GRUPAL

Através do estudo do processo grupal percebeu-se que a relação do grupo foi marcada por algumas dificuldades, dentre elas: uma indisposição em relação à comunicação. A queixa se fundamentava no fato de algumas reuniões serem marcadas e desmarcadas sem que uma explicação consistente fosse transmitida ao grupo. O que antes era compreendido como ansiedade grupal a ser sanada não passava de um sentimento de angústia advinda da sensação de abandono experienciada pelo grupo em decorrência de possíveis falhas na comunicação. Uma intervenção fora realizada ao se comunicar o sentimento do grupo aos coordenadores do projeto.

A relação do grupo x Instituições parceiras (incubadora) também enfrentou dificuldades. Sabe-se que a proposta de qualificação é exigente, porém incorre em risco metodológico. O nivelamento dos participantes consistia em aulas de matemática, alfabetização (letramento), gestão de negócios paralelos aos cursos de manipulação de alimentos entre outros. Considerou-se esta tentativa como um risco metodológico. A crítica se fundamenta no fato de ter-se escutado as (os) participantes e percebido que isso os incomodava. O sentimento do grupo era de inadequação e impotência. Não se quer dizer aqui que o “nivelamento” seja dispensável. Apenas que a sua aplicação poderia ter sido desde o início, paralela ao trabalho da Psicologia e sem interrupções. Digo tentativa porque na realidade o nivelamento não ocorreu de forma satisfatória devido à tensão gerada pelo desconforto inicial. Considera-se que este é o risco iminente do projeto: Trabalhar questões de ordem técnica antes de trabalhar de forma efetiva as relações humanas. Ocorre que os participantes “fingem” que estão aprendendo, como estratégia e medo de perderem a oportunidade e os facilitadores podem cair em um alto engano de que estão conseguindo transmitir o conteúdo. Chama-se atenção sobre este aspecto porque, se cuidado, poderá prevenir problemas futuros, dentre eles a frustração de ambas as partes.

Através das intervenções os participantes sentiram-se mais a vontade porque antes de preocupar se iriam dar conta do “nivelamento” eles experimentaram a acolhida diante de suas limitações sem precisar criar estratégias de alto engano. O que denota tomada de consciência e certo posicionamento diante de suas limitações.

Em algumas oficinas o grupo evidenciou um sentimento de inferioridade em relação ao seu baixo nível de escolaridade. A partir dessa vivência foi preparado um encontro que possibilitou a reflexão sobre esse sentimento. Procurou-se ouvir e valorizar o saber de cada um. A partilha do conflito interno foi importante porque se descobriu que por

trás do sentimento de inferioridade, havia um grau de baixa estima. Como resultado, este encontro permitiu a cada membro do grupo a nomeação do seu próprio sentimento e a contextualização com a sua história de vida e com a relação grupal.

Após este percurso, o grupo conseguiu superar algumas dificuldades. Observou-se que a comunicação estava melhorando gradativamente. Os coordenadores registravam no quadro o cronograma com as datas das atividades programadas. Cada atividade passou a ser cuidadosamente explicada e reforçada.

Dentro do contexto do projeto e das Oficinas de Intervenção Psicossocial, o grupo pode exercitar o trabalho em equipe, tomada de decisões e a cooperação. Todas as escolhas eram compartilhadas e posteriormente votadas. Essa dinâmica tinha como objetivo possibilitar um ambiente democrático e autônomo. Após a sua realização o grupo se apresentou cansado. A intervenção consistiu na reflexão de como o trabalho em grupo exige o compromisso e empenho de cada um para que haja uma maior representatividade.

O grupo passou a compreender que o trabalho dos coordenadores do projeto também era exigente e que devido ao número de profissionais e instituições envolvidas, as resoluções se tornavam demoradas. Apesar de compreender a complexidade do projeto o grupo sempre apresentava seus questionamentos e críticas em relação a algumas questões burocráticas que atravessavam o andamento das atividades. Quando as críticas e questionamentos eram representativos se propunha uma problematização das mesmas nas próximas oficinas, procurando sempre manter o foco na tarefa da construção/escrita do livro.

Devido à chegada de uma nova turma, o grupo se sentiu ameaçado. Surgiram as seguintes questões: “as pessoas que estão entrando terão os mesmos direitos que nós; nós seremos as patroas?” Um encontro foi preparado para que o grupo pudesse refletir sobre estas questões. Ao final decidiu-se elaborar uma carta de boas vindas. E como tarefa os participantes marcaram um dia para recepcionar a turma que estava chegando. Acompanhe a produção do grupo.

Sejam bem vindas (os). Estamos todos lisonjeados com a presença de vocês. Esperamos que sejam felizes no projeto como nós estamos e que venhamos nos dar muito bem. Temos que unir nossas forças e coragem nesse projeto que será a realização de nossas vidas. Desejamos que cada uma de vocês se sintam a vontade, com plena liberdade de expressar as suas dúvidas e dificuldades. Estamos prontas a dividir com vocês tudo que aprendemos. Esperamos aprender muito com vocês também. Há um talento em cada um de nós. Precisamos dividi-los com todos. Estamos a sua disposição no que vocês precisarem.

Podemos inferir que a realização da tarefa possibilitou ao grupo a percepção de que receber bem as pessoas torna-se essencial para o sucesso dos empreendimentos do projeto. Os participantes sugeriram que a carta fosse incluída no livro.

Ao se avaliar as oficinas percebeu-se que o grupo estava caminhando melhor e que o aproveitamento das aulas havia apresentado mudanças positivas: melhor concentração, elaboração de alguns conflitos e diminuição de discussões paralelas.

De acordo com o planejamento inicial das oficinas, a construção/escrita do livro foi concretizada. Vinte participantes contribuíram de maneira efetiva e um exemplar contendo 49 páginas foi apresentado ao grupo. Houve uma valorização do trabalho. O grupo

reconheceu que o objetivo foi alcançado devido ao compromisso assumido por todos. O trecho a seguir corresponde à introdução do livro produzida pelo grupo.

Nesse livro apresentamos a história de alguns cooperados (as) que são exemplos de vida para todo o povo brasileiro. Pois este grupo demonstrou força, coragem, garra e uma determinação fora do comum. São cooperados (as) que buscam a independência financeira. O livro trata da história de vida e de momentos marcantes na vida de cada um. Esses momentos são divididos em alegria e tristeza e no fim, todas as histórias se superaram. Todos os frutos do futuro estão nas sementes de hoje.

Através do texto acima, percebe-se a representação social elaborada pelo grupo a cerca de si mesmo.

O sentimento de pertencimento, essencial para que os participantes de um grupo consigam trabalhar a busca de seus objetivos torna-se explícito no trecho produzido para compor os agradecimentos do livro. Observe.

Foi bom conhecer esse grupo do projeto, cooperativa, e ter feito novas amizades. Adquirir experiência de vida com certeza foi algo muito gratificante. Nós agradecemos todos os professores e todos que colaboraram. Tenham paz espiritual. Ame e respeite as pessoas da forma que são pra que a cooperativa possa crescer. Agradecemos à Deus por esta oportunidade de estarmos juntos e conhecermos outras pessoas que nos ajudaram no projeto tão importante. Enfim, agradecemos a todos os nossos distintos e ilustres professores. Amamos muito vocês. Que Deus continue abençoando, dando-lhes cada vez mais competência para que sejam sempre generosos.

4. FOTOGRAFIA E VISIBILIDADE SOCIAL

O presente trabalho uniu a Psicologia e a fotografia como possibilitadores de elaboração de histórias de vida. “*Ontem lá e hoje aqui: Horconfrut a história.*” Título escolhido pelo grupo. Condensa todo o processo vivenciado através da participação nas oficinas de intervenção psicossocial e nomeia o livro. A elaboração grupal nos remete à idéia de mudança, movimento e processo. Uma produção que permitiu ao grupo registrar informações que caracterizam a sua identidade: movimento importante e necessário para que cada sujeito fortaleça o sentimento de pertencimento ao grupo e de apropriação, no que se refere ao objetivo do projeto.

A relação estabelecida entre os elementos presentes em uma determinada fotografia tem a capacidade de produzir sentido que se torna visível através da interpretação que lhe é dada. Este exercício possibilita uma re (interpretação) da vida e pode gerar uma postura mais autônoma na luta pelos direitos e no exercício da cidadania.

Espera-se que esta experiência tenha contribuído com os participantes ao se pensar que a visibilidade social do grupo deve ser potencializada em primeiro lugar **dentro do próprio grupo** e depois se fortaleça nos demais segmentos sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Pode-se dizer que a realização das oficinas psicossociais no contexto do Projeto de Geração de Trabalho e Renda: Construindo Uma Alternativa Solidária e Cidadã, caracteriza uma experiência importante em minha formação acadêmica. Lembrando o Rubem Alves (2009), aprendi que na profissão, além de amar tem de saber. E o saber leva tempo pra crescer. O processo de aprendizagem condensou o desejo e a responsabilidade que me impulsionaram. Sabe-se que o amor à profissão requer investimento e uma constante busca do saber que não se adquire apenas nos melhores livros de Psicologia. Mas, que se produz e se adquire através do exercício de uma relação horizontal com pessoas que nem imaginam o quanto são capazes de nos ensinar.

A partir da experiência do trabalho de Intervenção Psicossocial sugere-se que seja elaborado um trabalho de valorização do “saber dos participantes”. Busca-se com este trabalho, construir junto com os participantes formas mais elaboradas de conhecimento sobre as temáticas em foco, num exercício permanente de diálogo e confronto de diferentes saberes e experiências. Pretende-se com este exercício promover uma articulação entre

o racional e o afetivo, o consciente e o inconsciente, o pensar e o sentir na construção de grupos e empreendimentos de autogestão. Ressalta-se, ainda, a questão de se “mexer, de alguma forma, em escalas de valores”, o que também se encontra com nossa prática de ação investigativa, provocando mudanças nas diferentes dimensões do sujeito trabalhador (CARVALHO, 2004, p. 4).

Pode-se dizer que o trabalho da Psicologia ao se colocar a serviço do projeto, valoriza e necessita dialogar com as diversas áreas do conhecimento presentes na construção e manutenção do projeto. Portanto ao se pensar as dimensões do sujeito trabalhador, temos enquanto membros de uma “Incubadora Tecnológica”, que promover o diálogo e uma constante avaliação do processo e do fazer profissional experienciados até o momento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Maria Lúcia (Org.) **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde: Um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALVES, Rubem. Disponível em: <<http://WWW.pensador.inf/p/frases>>. Acesso em 04 de mai. 2009.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 6 ed. São Paulo, Difel, 1985.

CARVALHO, Ricardo Augusto Alves de. (Coordenador). **Programa Incubadora Tecnológica de Economia Solidária: Empreendimentos solidários – ES**. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004, p. 2.

EQUIPE DE PESQUISA - INTERVENÇÃO PUC MINAS SÃO GABRIEL. **Oficinas de Intervenção Psicossocial: uma metodologia de trabalho com grupos**, 2009. Texto

produzido para refletirmos sobre o trabalho que vimos desenvolvendo com os grupos de crianças e adolescentes do Projeto Educar no Centro Social Frei José Renato.

LÉVY, André. **Psicossociologia: Análise social e intervenção**. Tradução: Marília Novais da Mata Machado. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.121-132.

Ministério do Trabalho e Emprego – Programa Economia Solidária em Desenvolvimento (2009) – Disponível em <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria>. Acesso em 10 de Jul. 2009.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 2, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 06 abr. 2009.

SILVA, Jane Cristina Baptista; NETTO, Rosália Maria. Fotografia: um olhar semiótico sobre uma linguagem não-verbal. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura** - Ano 04 n.09 - 2º Semestre de 2008 ISSN 1807-5193. Disponível em: < <http://www.letramagna.com/fotografia>>. Acesso em 06 abr. 2009.